

A SECA COMO PROBLEMA POLÍTICO E SOCIAL

Luiz Maciel Mourão Vieira¹

RESUMO

Esse trabalho tem como foco o estudo da seca no Ceará, mas especificamente a do final do século XIX. Mostraremos como as estiagens influenciaram nos meios sociais e políticos. Além de servir como tema para alguns autores em seus trabalhos. Tivemos no Ceará como uma “grande seca” a de 1877/79, apesar de que já houvesse em nosso estado outras estiagens de grandes proporções, a qual em números superou a já mencionada, Uma das hipóteses da lembrança popular e histórica como “grande seca” ser a do ano de 1877, pode está no fato da Lei de Terras outorgada em 1850, valorizando dessa forma o valor comercial da terra e disseminando uma prática rotineira nos sertões nordestinos, o paternalismo. Afinal o Brasil império tinha uma reserva destinada da sua arrecadação ao auxílio e socorro público. Essa verba destinada aos retirantes era usada como uma moeda de troca pelos políticos locais, pois não repassavam as verbas de forma isonômica, fazendo com que o retirante fosse explorado em frentes de trabalho para receber esse auxílio.

PALAVRAS-CHAVES: seca, problema, social.

INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como foco o estudo da seca no Ceará, mas especificamente a partir do final do século XIX, até as primeiras décadas do século XX. Como forma de apresentar esse problema através do descaso do poder público em prestação de auxílio, sendo necessário o retirante se deslocar a imprensa local como comentado antes para divulgar sua situação e assim conseguir ser atendido. Também mostraremos como as estiagens influenciaram nos meios sociais e políticos. Além de servir como tema para alguns autores em seus trabalhos.

O PROBLEMA DAS SECAS NO CEARÁ

A seca é tema pertinente em poesias, como “A Morte de Nanã” de Patativa do Assaré, em obras literárias, como “O Quinze” de Rachel de Queiroz, “Vidas Secas” de Graciliano Ramos e, além disso, faz parte do rol de objetos de interesse das pesquisas dos mais importantes centros universitários, como a Universidade Federal do Ceará, destacando-se o professor Frederico de Castro Neves, com sua tese: “A Multidão e a História: Saques e outras ações de massas no Ceará” defendido em 1998, na Universidade Federal Fluminense, e da Professora Kênia Sousa Rios com sua dissertação: “Isolamento e Poder: Fortaleza e os campos de Concentração na Seca de 1932” defendido em 1999, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

¹ Licenciado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), aluno do curso de pós graduação em Metodologias do Ensino de História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Mostrando assim como esse assunto tem influência em diversos aspectos da nossa sociedade.

Há indícios de estiagens no Ceará desde o período colonial, através de documentos que mostram a transferência de tribos indígenas por conta da falta de chuvas “[...] as tribos que habitavam essas terras, periodicamente transferiam suas aldeias para áreas mais úmidas ou próximas à orla marítima”. (NEVES, 2007, p. 77). Além disso, a falta de conhecimentos técnicos em aproveitamento das chuvas, como nossa posição geográfica confirmam a periodicidade desse problema.

O nordeste semi – árido (sertão) e o Ceará só aproveitam 8% (oito por cento) das chuvas caídas, para alimentar nossos rios, Lagos, açudes, sistemas de drenagem etc, em face à elevada insolação, evaporação e evapotranspiração, que leva 92% (noventa e dois por cento) das águas caídas, enquanto que o semi – árido dos Estados Unidos e Israel perdem apenas 45% (quarenta e cinco por cento). O fenômeno da seca é a normalidade do nosso clima. Enquanto as regiões semi – áridas das zonas temperadas têm quatro instrumentos de água (geada, nevada, granizo e chuva), O nordeste semi – árido equatorial tem apenas um instrumento de água: a chuva. (BOTELHO, 2002, p. 110).

Temos, portanto, conceitos geográficos e históricos que fazem da seca um problema presente no contexto histórico do Ceará, mas o objetivo desse capítulo não se fixa em apresentar a seca no aspecto climático, e sim mostrar como isso modificou as estruturas da sociedade cearense no aspecto político, econômico e social.

Tivemos no Ceará uma “grande seca”² a de 1877/79, apesar de que já houvesse em nosso estado outras estiagens de grandes proporções, a qual em números superou a já mencionada, (ALBUQUERQUE, 2008, p. 231) “Enquanto a seca de 1877 matou cerca de 13,9% da população do Ceará, a seca de 1825 dizimou 14,4% da população desta província.”

Uma das hipóteses da lembrança popular e histórica como “grande seca” ser a do ano de 1877, pode está no fato da Lei de Terras³ outorgada em 1850, valorizando dessa forma o valor comercial da terra e disseminando uma prática rotineira nos

² Termo usado por ser a primeira seca que interessou os poderes públicos no aspecto da seca ser algo que modifica os aspectos políticos e sociais. Ver ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Nos Destinos de Fronteira: história, espaços e identidade cultural**. Recife: Bagaço, 2008. p. 229.

³ Houve após essa Lei uma valorização da terra como bem econômico provocando dessa forma a desocupação por parte das pessoas que não tinham documento de posse. Isso favoreceu os grandes proprietários, os quais falsificavam documentos e expulsavam os retirantes provocando a migração para a capital. Ver: NEVES, Frederico de Castro. A seca na história do Ceará. In: SOUSA, Simone de; GONÇALVES, Adelaide et al. **Uma nova história do Ceará**. 4. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p.79.

sertões nordestinos, o paternalismo⁴. Isso foi uma forma de subordinação que daquele momento em diante persistiria na vida do retirante. Afinal em um momento em que o governo não tinha interesse em prestar auxílio, restava ao retirante somente ficar submetido ao patrão o qual em troca tinha uma mão-de-obra de baixo custo sustentada somente com alimentação e moradia.

Dividiam o tempo entre a vida com o gado e uma pequena cultura de subsistência, permitida pelos donos de terras, orgulhosos senhores que mantinham laços paternalistas – baseados na reciprocidade e na lealdade pessoal. (NEVES, 2008, p. 78).

Para manter todo esse aparato de trabalhadores era necessária também certa preocupação com a saúde dos mesmos, pois doentes o rendimento no trabalho não aconteceria e os gastos aumentariam com o tratamento, por isso a medicina preventiva era praticada tanto nos locais os quais ficavam retidos os retirantes quanto nas turmas de trabalho.

[...] médicos e intelectuais que consideravam os custos das medidas preventivas menores do que os custos dos gastos com as sucessivas epidemias que tomavam conta da província, principalmente em períodos de seca. (CHAVES, 2002, p. 58).

Outro fator para a lembrança dessa seca como um problema está na forma como a falta de chuva atingiu a população no seu contexto sócio-cultural, deixando assim de ser um fenômeno climático. Afirmado em (NEVES, 2008, p. 80) “Por isso a seca de 1877, se tornou um marco na compreensão do problema da seca e o impacto causado pelas cen⁵ que estão se desenrolando fixou-se profundamente na cultura.”

Além disso, podemos destacar o fim da Guerra Civil norte-americana (1861-1865) e com isso a retomada da produção de algodão por parte dos Estados Unidos, causando a diminuição das exportações do Ceará (NEVES, 2008, p. 81) “Em finais da década de 1870, todavia, a pujança da cultura do algodão já não era mais a mesma”.

⁴ 1. Sistema de relações entre o chefe e o subordinado, seguindo concepção paternal de autoridade. Ver: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. 6^a ed. ver. atualiz. Curitiba: Positivo, 2004 p. 614

⁵ Essas “cen⁵” mencionadas pelo autor referem-se sobre a visão da seca como um problema político e social, e não como um fenômeno climático. Ver NEVES, Frederico de Castro. A seca na história do Ceará. In: SOUSA, Simone de; GONÇALVES, Adelaide et al. **Uma nova história do Ceará**. 4. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p.80.

Afinal, a população da capital aumentou de 30.372 habitantes⁶ para 100.000 habitantes durante a seca de 1877 e a elite local aproveitou o momento para empreender reformas e construções que em outros tempos não chegariam ao estado, mas naquele momento poderiam, enfim, obter tal êxito. Vale salientar que tais empreendimentos favoreciam somente uma parte da sociedade fortalezense.

Desta forma, a seca que, no início de 1877, parecia ter pego a província de surpresa, tornou-se o principal meio de consolidação dos projetos de transformações urbanas, pois a província viria a ter a maior quantidade de financiamento imperial jamais sonhada pelas elites locais e tudo sob o pretexto de combater a seca.(VIEIRA, 2002, p. 40).

É interessante observarmos como o nordeste era uma região esquecida pelos poderes públicos, sendo necessária a presença da seca para ter atenção e o envio de verbas. Além da falta de compromisso dos políticos locais em prestar auxílio às vítimas. Afinal, (ALBUQUERQUE, 2008, p. 242) “falar da seca fazia que suas vozes fossem novamente ouvidas no plano nacional, o que já não vinha acontecendo com grande intensidade.” Fazendo dessa forma uma propaganda política usada pelas autoridades locais.

Vimos até o momento como a estiagem não foi um problema para os governantes afinal verbas eram enviadas, mas para os retirantes esse repasse não acontecia atingindo dessa forma as estruturas: política, econômica e social, mas nem todos os retirantes sucumbiam ao paternalismo, ou trabalhavam nas frentes de serviços impostas pelo poder público. Alguns reagiram e formaram um grupo social que durante as primeiras décadas do século XX trouxeram medo para a população nordestina, como para as forças de segurança pública, esse movimento foi o cangaço.

O homem livre pobre que não se submetia à humilhação diária dos trabalhadores, nos serviços públicos em troca de reações ou pequenos salários, ou não abandona a região, que descobre no banditismo, no cangaceirismo, um meio de sobrevivência, roubando os mais abastados. (ALBUQUERQUE, 2008, p. 236).

Podemos apontar como uma das possíveis causas do movimento do cangaço⁷ o descaso das autoridades com o interior da província, pois era do seu interesse evitar a

⁶ VIEIRA, Tanísio. Seca, disciplina e urbanização: Fortaleza – 1865/1879. In *Seca*. SOUSA, Simone, NEVES, Frederico de Castro, VIEIRA, Tanísio et al. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p. 32.

⁷ Existem três tipos de movimentos sociais no campo, 1. Os que combinaram conteúdo religioso com carência social; 2. Os que combinaram conteúdo religioso com reivindicação social; 3. Os que

chegado do retirante à capital, assim todo o aparato de segurança pública estava em Fortaleza, por causa dos protestos por parte dos retirantes e quase sempre pelo mesmo motivo, o atraso na entrega das rações, permitindo, dessa forma, os ataques de bandidos nas cidades interioranas, (NEVES, 2008, p. 83) “o interior da província ficou entregue aos bandos de criminosos, que agiam impunemente, disputando entre si as melhores áreas de pilhagem.” É importante salientar que algumas dessas “pilhagens” aconteciam em virtude da fome. Descaracterizando-se assim em parte uma ocorrência criminosa pelo flagelado em virtude de cometer tal fato por necessidades vitais, porém isso em nenhum momento justifica tais delitos.

FIM DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX E O MARTÍRIO DAS ESTIAGENS CONTINUAM.

Mesmo após o exemplo da seca de 1877/79, o governo não conseguiu evitar que os problemas decorrentes da estiagem continuassem a provocar mortes e migrações para a capital. Transformando dessa forma o retirante em “[...] um homem marginal.” (SOBRINHO, 1982, p. 55).

O retirante, sem dúvida, é um homem marginal. Ao deixar o seu acanhado meio social, onde plasmara a personalidade que o conduzia plácida e tranquilamente na vida, com os seus sentimentos, o valor de si mesmo, as suas aspirações, tudo em plena harmonia com o sistema social local, experimenta desde logo e progressivamente, as pressões de um desajustamento, em face das transições e conflitos culturais, provocados pelo contacto com ambiências diferentes. (SOBRINHO, 1982, p. 55).

Como narrado anteriormente, a seca afetou (e afeta) o cotidiano das pessoas envolvidas com esse problema, além de modificar os hábitos e provocar migrações. Outro fator importante e notório foi a utilização da mão-de-obra dos retirantes em obras públicas na capital bem como no interior da província.

É importante frisar que a estiagem trouxe um grande número de obras, destacando-se segundo (NEVES, 2008, p.82) “As principais obras efetuadas pelos retirantes em Fortaleza foram a estrada de ferro de Baturité e o calçamento das ruas centrais de Fortaleza”. Como já descrito, a causa da utilização desses retirantes

expressavam reivindicações sociais sem conteúdo religioso. Nesse caso o número 1 é o mais coerente, pois é um momento que o governo, não tinha interesse em prestar auxílio ao retirante, restava-lhe somente recorrer ao santo protetor. Culminando dessa forma nas práticas delituosas por esses bandos. Ver: FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 13ª ed., 1ª reimpr. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 295.

nesses trabalhos era evitar o povoamento da capital, pois para a elite local isso atrapalharia a urbanização da cidade.

Esta concentração de pessoas leva ao que as elites chamavam de “**desregramento de costumes**” [grifo meu], ou seja, ao aumento da prostituição, dos furtos, dos saques, dos crimes de morte, provocados pela situação de desespero a que são lançados estes homens pobres que vivem no limite da subsistência e que, com a seca, atingem a miséria absoluta. (ALBUQUERQUE, 2008, p.235).

Infelizmente para a elite de Fortaleza esse “desregramento” voltaria a pairar no cotidiano da capital da província em outras secas, pois a cada sinal de chuva o governo interrompia as obras e enviava o retirante para sua cidade. Afinal, as pessoas empregadas nesses serviços eram, na verdade, agricultores e o trabalho nas turmas era algo não muito valorizado pelos mesmos. Após a seca de 1877/79, tivemos outra seca até a virada do século XX, com destaque para as secas de 1888/1900.

Com o cenário da falta de chuvas, repetiram-se migrações, fome, morte, conflitos e esperança no auxílio público. E por parte do governo, o habitual, empregar a mão-de-obra ociosa com trabalho, fortalecer as migrações para a região norte e o sul do país e a generosidade da caridade. Lembrando que essas migrações foi algo imposto ao retirante, devido à chegada em grande quantidade dos mesmos.

Para o *Cearense* [jornal de cunho liberal], no entanto, a questão se colocava de outra forma, que, evidentemente, assumia colorações mais políticas do que humanitárias. A migração estimulada aparecia aqui como “uma deshumanidade que se está praticando para com os nossos infelizes irmãos” [...] a “expatriação forçada” é apresentada como um ato de violência. (NEVES, 2000, p. 72-73).

Além dessa “expatriação” houve a criação em 1889 da Hospedaria Geral de Emigração, local criado com atenção de receber esses retirantes, mas realmente seu propósito era evitar aglomerações pelas ruas e praças da cidade, assim evitando o cenário da seca ocorrido em 1877/79.

As ruas ocupadas por uma multidão de pedintes andrajosos, a perambular pelas casas e praças, em busca de ajuda, de esmolas e alimentos, davam a sensação de uma cidade ocupada. [...] como sempre, a caridade individual ou particular procurou dar conta dessa população de famintos, [...] as obras públicas a serem implementadas teriam uma função não só de equipar o Estado de um sistema de armazenamento d'água capaz de fazer frente à irregularidade de chuvas, mas principalmente de manter o homem do campo no campo. (NEVES, 2000, p. 72-73).

Poderíamos inferir que essa citação é uma cópia dos problemas mencionados neste capítulo, o qual já fez menção à seca de 1877/79. Porém, esse cenário trata da falta de chuvas do ano de 1889, confirmando o descaso por parte dos poderes públicos em buscarem mecanismos atenuantes para a estiagem. Pelo contrário, usam os mesmos métodos, pois além de não causarem um grande impacto financeiro, podiam utilizar o restante do dinheiro com obras de “aformoseamento” da cidade que favoreciam somente uma parcela da sociedade.

Todo esse cenário contado e recontado, após a virada do século, vai ganhar novos contrastes com a criação em 1909 do IOCS (Inspetoria de Obras Contra as Secas), que apesar de ser um órgão federal é imediatamente incorporado para atuar no sertão semiárido que junto trouxe a chamada “solução hidráulica”⁸, dessa forma, o governo imaginou ser a solução para os problemas, pois açudes permitiriam tirar do ócio os retirantes como também ser uma obra de aproveitamento crucial para a sobrevivência dos mesmos, apesar de que esse método fosse apenas um paliativo.

E' evidente que a açudagem não pode obstar ao desencadeamento deste fenômeno, pois não modifica a produtividade das terras secas e a área irrigada é e será sempre uma fração mínima de área total. [...] a açudagem pode concorrer apenas indiretamente para a solução, facilitando a colocação das populações que vierem a ser retiradas das terras secas. Mas, enquanto estas forem usados os mesmos métodos agrícolas, nos anos de seca dar-se-ão as mesmas calamidades, quer haja açudes, quer não. (FEIO, 1981, p. 81).

Apesar disso, tivemos na primeira década do século XX poucos sinais de uma seca com grandes proporções, afinal, estudos realizados pelo IOCS e os bons “invernos”⁹ permitiram certa tranquilidade. O que marcou esse período foram os relatórios do IOCS, os quais apontavam possíveis soluções para a seca, que traziam desvantagens para os negócios políticos. Realmente existia o interesse de mudar a situação árida do nordeste, mas o jogo político se mostrou como um empecilho.

⁸ Essa concepção foi formada no âmbito de ter todas as atenções voltadas para os métodos técnicos de estudo do solo e construção de reservatórios d'água. Ver: NEVES, Frederico de Castro. A seca na história do Ceará In: SOUSA, Simone de; GONÇALVES, Adelaide. et al. **Uma nova história do Ceará**. 4. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p. 86

⁹ “Denominar-se de “INVERNO” nossa estação chuvosa se deveu aos portugueses, que ao constatarem as primeiras precipitações pluviais, denominaram este de período chuvoso de “inverno”, analogia a Portugal, que tem as suas chuvas no período frio (inverno) e, sobretudo pelo fato de que naquela época os lusitanos não conheciam ainda a tipologia climática do Equador”. Ver BOTELHO, Caio Lóssio, “Seca”. In. MENDES, Gilmar (Org.). **Ceará de corpo e alma: um olhar contemporâneo de 53 autores sobre a Terra da Luz**. Rio de Janeiro-Fortaleza: Instituto do Ceará, 2002, p. 35

A má vontade do governo central o temor dos políticos nordestinos com os resultados de uma alteração profunda no sertão diante dos seus interesses eleitorais acabaram frustrando todo o trabalho técnico. (VILLA, 2001, p.96-97).

No início da segunda década do século XX, em 1914, os sinais de uma nova estiagem aproximam-se e com isso houve a fuga desordenada dos retirantes. Mas agora com um detalhe diferente da seca de 1877/79, que foi a rapidez como chegaram os flagelados¹⁰ à capital, afinal a conclusão da linha férrea de Baturité, permitiu o fluxo maior e a conseqüente preocupação dos governantes. (VILLA, 2001, p. 109) “Estes flagelados chegaram em condições melhores do que os da grande seca de 1877: a estrada de ferro de Baturité facilitou a migração para a capital.”

Com um grande número de pessoas e sem local de acomodação, o governo desloca os flagelados para um local distante, para se evitar o contato destes com o restante da população da capital.

[...] o Govêrno amparava liberadamente os retirantes que chegavam à capital, o número dos ádvenas crescera tanto que o vasto abrigo do Alagadiço, então denominado “Campo de Concentração”, torna-se insuficiente, apesar de comportar cêrca de 8 a 9 mil almas. (SOBRINHO, 1982, p. 25).

Dessa forma o flagelado poderia ser monitorado de forma contínua, e assim se evitava qualquer transtorno provocado por essa classe que chegava dos interiores do Ceará.

Após a seca de 1915, somente em 1919 o Ceará seria acometido novamente por outro período de estiagem, mas dessa vez, com uma diferença, pelo menos para o flagelado, que foi a chegada de Epitácio Pessoa à presidência da República.

Esse senador, além de jurista, participou da Constituinte de 1890/91. Foi eleito presidente após o falecimento de Rodrigues Alves e o agravamento da doença do seu vice Delfim Moreira. Surpreendeu a todos, pois quebrava a hegemonia das oligarquias Mineira e Paulista, que não entraram em um consenso em decidir qual seria o candidato para a presidência. Epitácio era paraibano e conhecia as

¹⁰ Termo usado a partir da seca de 1915. Pois a irregularidade das chuvas era que era vista como um “flagelo” que periodicamente açoita a sociedade cearense. Ver NEVES, In: SOUSA, Simone de; GONÇALVES, Adelaide. et al. **Uma nova história do Ceará**. 4. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p. 89

dificuldades da sua região. Por isso ao assumir, envia a seguinte mensagem ao Congresso:

Em 3 de setembro de 1919, em sua primeira mensagem enviada ao Congresso Nacional, acabou surpreendendo o mundo político com um amplo programa de obras para enfrentar os efeitos das secas no Nordeste, numa demonstração de independência política ante os defensores da sua candidatura, algo inusitado até então. (VILLA, 2001, p. 127).

Com tal mensagem é notório que o presidente conseguiu durante seu governo uma forte oposição, não somente das oligarquias do café-com-leite, mas, sobretudo dos governos nordestinos que viam ameaçados suas estruturas paternalistas, pois isso poderia tornar o flagelado mais independente às essas estruturas.

Também não é surpresa mencionar que após sua saída da presidência em 1922, os recursos diminuíram e as obras de combate às secas pararam.

Os recursos destinados à IFOCS¹¹ foram reduzidos brutalmente ano a ano: em 1922, ainda no governo de Epiácio, forma destinados 145 mil contos de réis, já em 1923 eles caíram para 67 mil, 1924 para 11 mil e em 1925 atingiram a irrisória quantia de **4 mil contos de reis** [grifo meu]. Os materiais das diversas obras desenvolvidas na região, grande parte importada, ficaram abandonados. (VILLA, 2001, p. 138).

Essa redução em mais de 90% em três anos, repercutiu pelo resto da década em todo o nordeste, pois novamente o flagelado tinha que se submeter às caridades e ao auxílio do governo. Restando somente a esperança que na próxima década o “inverno” e o governo fossem melhores.

A SECA DE 1932 E OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO¹²

Após a seca de 1915, o retirante que passa a ser conhecido a partir desse momento como flagelado, ainda espera o auxílio do governo. E no decorrer das primeiras décadas do século XX, as medidas utilizadas pelos governantes ainda não são suficientes para amenizar esse problema da seca.

¹¹ Instituto Federal de Obras Contra as Secas – sucedendo o IOCS, criado pelo decreto Lei de 13.687/20 por Epiácio Pessoa. Ver: VILLA, Marco Antonio. **Vida e Morte no Sertão: Histórias das Secas no Nordeste nos Séculos XIX e XX**. São Paulo: Ática, 2001. p. 131

¹² Vale salientar que esses “campos de concentração” tinham uma especificidade bem diferente dos campos nazistas, os quais tinham como objetivo exterminar os judeus, enquanto os do Ceará objetivavam a contenção da massa, evitando sua chegada a capital. Ver NEVES, “Curral dos Bárbaros. Os Campos de Concentração no Ceará (1915 e 1932)”. In: **Revista da ANPUH** São Paulo: Contexto, v.15, nº 29, 1995.

Na mais completa alegria, dentro da minha paioça minha Nanã eu achava. Por isso, eu não invejava riqueza nem posição dos grandes deste país, pois eu o mais feliz de todos fio de Adão. Mas, neste mundo de Cristo, pobre não pode gozá. Eu, quando me lembro disto, dá vontade de chorá. Quando há seca no sertão, ao pobre farta feijão, farinha, mio e arrôis. Foi isso que aconteceu a minha fia morreu na seca de trinta e dois. (ASSARÉ, 2008, p. 39-40).

A necessidade de apresentar esses dramas vividos pelos retirantes, até chegarmos a essa parte do trabalho, consiste na compreensão dos Campos na formação do imaginário popular, acerca desse fenômeno que tanto mudou a forma de interpretar a seca. Antes, é necessário entendermos o cenário político existente não somente no Ceará, mas no Brasil.

No ano de 1930 o Brasil passava por um período de transição, afinal terminaria o período conhecido como República Velha (1889-1930), e ascendeu ao poder Getúlio Vargas, governo que de forma indireta teve a duração de 14 anos. Vale salientar que o mundo ainda sofria os efeitos da Crise de 1929, “[...] que foi o maior terremoto global na escala Richter dos historiadores econômicos” (HOBBSAWM, 1995, p.91). Impulsionando o enfraquecimento das importações de café, e conseqüentemente o declínio das antigas forças políticas do país. Vargas logo após a posse destituiu dos estados as antigas oligarquias regionais e substituiu por interventores, na sua grande parte militares.

Sob o primeiro aspecto, podemos dizer que, a partir de 1930, ocorreu uma troca da elite do poder sem grandes rupturas. Caíram os quadros oligárquicos tradicionais, os “carcomidos da política”, como se dizia na época. Subiram os militares, os técnicos diplomados, os jovens políticos e, um pouco mais tarde, os industriais. (FAUSTO, 2009, p. 237).

No Ceará, em 1930, o primeiro interventor foi o civil Fernandes Távora, membro das oligarquias cearenses, que ocupavam o poder antes da revolução de 1930, mas que logo aderiu ao movimento getulista, como forma de continuar no poder. Sua forma de governar para as antigas forças da República Velha, fez com que fosse deposto com apenas oito meses de governo. Substituído pelo capitão Carneiro de Mendonça, o qual:

Na visão dos tenentes, a forma ideal de “revolucionar” o Ceará estaria na nomeação de um interventor militar, “neutro politicamente” e “estrangeiro”,

isto é, originário de outro estado, sem ligações pessoais com os grupos políticos locais. (FARIAS, 2007, p. 221).

Não obstante vale a pena salientar que Mendonça era natural do Rio de Janeiro e fazia o perfil de “estrangeiro”, o que agradava o governo.

Mendonça assumiu em julho de 1931, mas já com os primeiros indícios de que teria pela frente um grande problema com os retirantes, pois nesse ano o “inverno” não foi um dos melhores e isso para o flagelado suscitava duas opções: 1) aguardar o dia 19 de março¹³, rezando para São José enviar um sinal de um bom “inverno”, 2) migrar em direção à capital em busca de auxílio do governo. Nesse caso, a segunda opção foi a escolhida.

O retirante não esperava, dessa vez, que a maneira de ser tratado e retido seria diferente, apesar de que no ano de 1915 os campos foram utilizados de forma superficial, agora no ano de 1932 sua aplicação seria empregada de forma objetiva: reter a chegada dos flagelados, colocando-os em campos espalhados pela capital e interior do estado.

Antes de empregar esse mecanismo de retenção o interventor Carneiro de Mendonça tentou evitar a chegada dos flagelados, “Durante alguns meses o Governo suspendeu a distribuição das passagens de trens para Fortaleza.” (RIOS, 2006, p.10). Mas isso não evitou que essas pessoas andrajosas e miseráveis chegassem à capital, pois agora, além da Estrada de Ferro de Baturité existia a Estrada de Ferro de Sobral. Dessa forma, as levas de retirantes chegavam de forma exagerada e sem controle, “[...] somente em um dia 1.349 retirantes chegavam a Fortaleza, protagonizando “cenas impressionantes” de miséria, loucura e desespero que abalam a opinião pública local.” Opovo (1932 apud NEVES, 2000, p. 121).

Nesse momento como não havia maneiras de se evitar a chegada dos flagelados e precisavam-se evitar aglomerações, o interventor Mendonça pôs em prática a retenção dos retirantes em Campos de Concentração, mas era preciso estabelecer em quais lugares ficariam localizados.

¹³ É importante destacar como a religiosidade faz parte do cotidiano popular nordestino e como os movimentos messiânicos influenciaram o modo de pensar desse povo, pois quando não recebia ajuda do governo, restava-lhe somente recorrer ao santo protetor. Essa data, feriado estadual, é o momento crucial, pois se chover haverá um bom “inverno”. Para os estudiosos essa tradição religiosa trata-se do equinócio de outono, que acontece no dia 21 de março e a partir disso pode-se fornecer informações meteorológicas. Ver: RIOS, Kênia Sousa. **Campos de Concentração no Ceará: Isolamento e poder na seca de 1932**. 2ª ed. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretária de Cultura do Estado do Ceará, 2006.

[...] os Campos de Concentração do Sertão foram construídos de modo estratégico: todos foram erguidos em lugares onde existiam, nas proximidades, uma Estação Ferroviária. [...] Assim, um dos principais espaços de aprisionamento de flagelados eram os arredores das Estações, ou melhor, nos territórios onde o sertanejo procurava trocar a poeira do caminho pelas estradas de ferro. (RIOS, 2006, p. 13).

Esses pontos estratégicos também foram utilizados em Fortaleza, sendo construído um dos campos próximo a Estradas de Ferro de Baturité e outro próximo a Estrada de Ferro de Sobral. No primeiro momento as Concentrações surtiram efeito para o qual foram feitos. Mas como em outras estiagens, essa mão-de-obra ociosa precisa de ocupação para se evitarem os já mencionados “desregramentos de costumes”.

Dessa vez a preocupação das oligarquias intervencionistas era empregar os flagelados, não somente em construções de estradas de ferro, mas na ampliação do porto de Fortaleza e na construção e reformas das ruas da capital, “[...] durante as secas de 1877/79, 1888 e 1932 foram construídas ou reformadas 98 ruas. Destas, 14 ruas foram inauguradas em 1879, 38 em 1888 e 46 em 1933.” (RIOS, 2006, p.23).

Partindo do pressuposto de que a seca colaborou para o desenvolvimento da capital, percebemos como esse fenômeno era importante para uma parcela da sociedade que mantinha seu *status quo* através dos usos e abusos dos flagelados em frentes de serviços aos quais só favoreciam a elite urbana de Fortaleza.

Apesar das migrações e a utilização dos retirantes em frentes de serviços, os Campos logo ficaram lotados.

[...] os dados eram os seguintes: 6.507 em Ipú, 1.800 em Fortaleza, 4.542 em Quixeramobim, 16.221 em Senador Pompeu, 26.648 em Cariús (S. Matheus) e 16.200 no Crato (Buriti), perfazendo um total de 73.918 flagelados. O povo (1932 apud RIOS, 2006, p. 53).

Assim como em outras secas, o despreparo do Governo em manter organizados os Campos, logo foi denunciado pelos jornais locais que diariamente exibiam em suas capas notícias destacando a situação desses flagelados.

É interessante destacar como os jornais locais apresentavam suas notícias a respeito dos Campos, em alguns casos defendendo as Concentrações como o Jornal O Povo.

[...] deixaram de chegar a esta capital comboios ferroviários especiais conduzindo quotidianamente míseros retirantes [...] devido a clarividência das autoridades locais, estamos isentos de perigoso contacto com os flagelados que, agrupados em Campos de Concentração, alimentados, higienizados, são tratados até com relativo carinho. (RIOS, 2006, p. 44-45).

Ou fazendo críticas como o Jornal Gazeta de Notícias.

[...] Permanece ainda como no auge da calamidade o governo a manter milhares de braços inactivos em barracos e barracões ante-higiênicos. Gesto de princípio humanitário, já hoje não mais se justifica. Gazeta (1932 apud RIOS 2006, p. 50-51).

Dessa forma, durante o ano de 1932 e início de 1933 pessoas que criticavam e apoiavam travavam esse intenso debate nos jornais periódicos de Fortaleza. Enquanto o maior atingido pela estiagem continuava recluso nos Campos ou trabalhando nos serviços projetados pelo Governo Federal.

Assim como em outras secas, a liberdade dos retirantes era condicionada a um único critério, o indício de chuvas. Infelizmente, esse martírio para o flagelado perdurou por todo o ano de 1932, somente em 1933 com as primeiras chuvas puderam os flagelados sair dos Campos.

Como comentando dos 73 mil que estiveram alojados “[...] cremos que o número de óbitos excedeu a 30.000.” (SOBRINHO, 1982, p. 45) isso somente nos campos de serviços do IFOCS, provavelmente esse número seja maior devido ao governo ocultar tais números, pois em 1933 com a Assembleia Constituinte era necessário enaltecer como o Governo Getulista socorreu o nordeste.

CONCLUSÃO

Vimos que a seca foi (e é) algo periódico para o nordestino, mas apesar de todos os percalços e intempéries não deixa de acreditar na superação. Pois mesmo com a ajuda do Governo com o envio de verbas e a criação de um órgão para o combate da estiagem, esse problema insiste e persiste no cotidiano do retirante.

É necessário repensar conceitos e métodos e realmente fiscalizar qual o destino dessas verbas, pois esse problema, que parece atual, já era mencionado no século XIX como problema para alguns e solução para outros, visto que “a seca tem sido inverno para muita gente.” Landim (1992 apud RIOS, 2006, p. 93).

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Nos Destinos de Fronteira: história, espaços e identidade cultural**. Recife: Bagaço, 2008.
- ASSARÉ, Patativa. **Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino**. 15ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- BOTELHO, Caio Lóssio, “Seca”. In. MENDES, Gilmar (Org.). **Ceará de corpo e alma: um olhar contemporâneo de 53 autores sobre a Terra da Luz**. Rio de Janeiro-Fortaleza: Instituto do Ceará, 2002. p. 110.
- CHAVES, José Olivenor Souza. “Metrópole da Fome”: a cidade de Fortaleza na seca de 1877-1879. In. SOUSA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (Orgs.) **Seca –** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p.49-74.
- FARIAS, José Airton de. **História do Ceará**. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2007.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 13ª ed., 1 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- FEIO, Mariano. Perspectivas da Açudagem no Nordeste Sêco. In. ROSADO, Vingt-un (org.) **Terceiro livro das Secas**. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1981.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. 6ª ed. ver. atualiz. Curitiba: Positivo, 2004.
- HOBBSAWN, Eric J. **Sobre História**. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.
- NEVES, Frederico de Castro. A seca na história do Ceará. : SOUSA, Simone de; GONÇALVES, Adelaide et al. **Uma nova história do Ceará**. 4. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 76-102.
- _____. **A Multidão e a História: Saques e outras ações de massas no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

_____. “Curral dos Bárbaros. Os Campos de Concentração no Ceará (1915 e 1932)”.

In: **Revista da ANPUH** São Paulo: Contexto, v.15, nº 29, 1995. p.93-122.

RIOS, Kênia Sousa. **Campos de Concentração no Ceará: Isolamento e poder na seca de 1932**. 2ª ed. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretária de Cultura do Estado do Ceará, 2006.

SOBRINHO, Thomaz Pompeu. **História das Secas (século XX)**. 2ª ed. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1982.

TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome; Violação**; Rio de Janeiro: J. Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.

VIEIRA, José Tanísio. Seca, disciplina e urbanização: Fortaleza – 1865/1879. In. SOUSA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (Orgs.) **Seca** – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p. 17-48.

VILLA, Marco Antonio. **Vida e Morte no Sertão: Histórias das Secas no Nordeste nos Séculos XIX e XX**. São Paulo: Ática, 2001.